



MORGAN RICE

LIVRO N 12 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO

UMA
TERRA
DE
FOGO

Morgan Rice
Uma Terra De Fogo
Серия «Anel Do Feiticeiro», книга 12

*http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=23755477
Uma Terra De Fogo (Livro N 12 Da Série O Anel Do Feiticeiro):
ISBN 9781632913661*

Аннотация

Gwendolyn está determinada a encontrar seu bebê, perdido no mar, e a levar sua nação do exílio para um novo lar. Ela viaja através dos mares estrangeiros e exóticos, enfrentando perigos inimagináveis, rebelião e fome, enquanto navega em direção ao sonho de um porto seguro.

Thorgrin finalmente encontra sua mãe na Terra dos Druidas, e seu encontro vai mudar sua vida para sempre, tornando-o mais forte do que nunca. Com uma nova missão, ele embarca, determinado a resgatar Gwendolyn, a encontrar seu bebê e cumprir seu destino. Em uma batalha épica entre dragões e homens, Thor vai ser testado em todos os sentidos; enquanto ele luta contra monstros e dá a vida por seus irmãos, ele vai ainda mais fundo para se tornar o grande guerreiro que sempre esteve destinado a ser.

Nas Ilhas do Sul, Erec está morrendo, e Alistair, acusada de seu assassinato, deve fazer o que pode para salvar Erec e absolver-se da culpa. Uma guerra civil irrompe em uma luta pela conquista do trono,

e Alistair se vê presa no meio, com o seu destino – e o de Erec, pendurado na balança.

Romulus permanece firme na intenção de destruir Gwendolyn, Thorgrin, e o que ainda resta do Anel; mas o ciclo da lua está chegando ao fim, e seu poder será severamente testado.

Enquanto isso, na província do Norte do Império, um novo herói está para surgir: Darius, um guerreiro de 15 anos, está determinado a romper as correntes da escravidão e a se levantar entre seu povo. Mas o Capitólio do Norte é comandado por Volusia, uma jovem garota de 18 anos, famosa por sua beleza – e também por sua crueldade bárbara.

Será que Gwen e seu povo sobreviverão? Será que Guwayne vai ser encontrado? Romulus conseguirá esmagar o Anel? Erec irá sobreviver? Thorgrin conseguirá retornar a tempo?

Com sua sofisticada construção de mundo e caracterização, UMA TERRA DE FOGO é um conto épico de amigos e amantes, de rivais e pretendentes, de cavaleiros e dragões, de intrigas e maquinações políticas, do processo de se tornar adulto, de corações quebrados, de mentiras, ambição e traição. É um conto de honra e coragem, de sorte e destino e de magia. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca seremos capazes de esquecer, interessante para todas as idades e sexos.

Содержание

CAPÍTULO UM	14
CAPÍTULO DOIS	23
CAPÍTULO TRÊS	29
CAPÍTULO QUATRO	46
CAPÍTULO CINCO	48
CAPÍTULO SEIS	55
CAPÍTULO SETE	71
CAPÍTULO OITO	80
Конец ознакомительного фрагмента.	82

Morgan Rice

Uma Terra De Fogo

(Livro N 12 Da Série

O Anel Do Feiticeiro)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 de DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

TRANSFORMADA (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência), EM BUSCA DE HERÓIS (Livro Nº1 da série O Anel do Feiticeiro), e A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro

Nº 1 da série Reis e Feiticeiros) estão disponíveis gratuitamente!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sintase à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!

Críticas aos Livros de Morgan Rice

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

– *Books and Movie Reviews, Roberto Mattos.*

“Rice consegue prender a atenção do leitor desde o começo através de uma descrição detalhada que transcende a mera construção da ambientação... Muito bem escrito e de leitura fácil.”

– *Black Lagoon Reviews (em relação a Transformada)*

“Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho ao construir uma trama interessante... Refrescante e único. A série gira em torno de uma

garota... uma garota extraordinária! Leitura fácil, de ritmo extremamente rápido.”

– *The Romance Reviews (em relação a Transformada)*

“Prendeu minha atenção desde o começo e não consegui largar... Essa história de uma incrível aventura é rápida e recheada de ação desde o começo. Não há um único momento entediante no livro.”

– *Paranormal Romance Guild (em relação a Transformada)*

“Recheado de ação, romance, aventura, e suspense. Adquira já sua cópia e apaixone-se mais uma vez.”

– *vampirebooksite.com (em relação a Transformada)*

“Excelente trama, você terá dificuldades em largar este livro para dormir. O final tem um gancho tão espetacular que você sentirá vontade de adquirir o próximo livro apenas para descobrir o que acontece a seguir.”

– *The Dallas Examiner (em relação a Amada)*

“Um livro que pode ser comparado a CREPÚSCULO and DIÁRIOS DO VAMPIRO, que você terá vontade de continuar lendo até a última página! Se você gosta de aventura, romance e vampiros, este é o livro para você!”

– *Vampirebooksite.com (em relação a Transformada)*

“Morgan Rice prova mais uma vez ser uma contadora de histórias talentosa... Este livro é ideal para vários públicos, incluindo os fãs mais jovens do gênero de fantasia e vampiros. O livro termina com um gancho inesperado que

deixará os leitores chocados.”

– *The Romance Reviews* (em relação a *Amada*)

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n 2)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n 3)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





**Ouçã a série O ANEL DO
FEITICEIRO em áudio livro!**

Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela

Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

©iStock.com/© frentusha

“Assim, dou-lhe as costas:

O mundo é muito grande.”

– William Shakespeare

Coriolano

CAPÍTULO UM

Gwendolyn, na costa das Ilhas Superiores, olha para o mar, assistindo horrorizada quando a neblina se aproxima e começa a envolver seu bebê. Ela tem a sensação de que seu coração está partindo em dois ao ver Guwayne se afastar cada vez mais, desaparecendo em meio à nevoa no horizonte distante. A maré o carrega para o desconhecido, e seu filho fica mais longe de seu alcance a cada segundo.

Lágrimas rolam pelo rosto do Gwendolyn enquanto ela observa, incapaz de se afastar e completamente entorpecida. Ela perde toda a noção de tempo e espaço, e já não sente o seu próprio corpo. Uma parte dela morre enquanto ela vê a pessoa que ela mais ama no mundo ser levada pela corrente marítima. É como se uma parte de Gwen tivesse sido levada para o meio do oceano com ele.

Gwen se odeia por ter feito o que fez, – mas ao mesmo tempo, ela sabe que aquela tinha sido a única maneira possível de talvez salvar seu filho. Ela ouve o som de rugidos e trovões no horizonte atrás dela e sabe que, em breve, toda aquela ilha seria consumida pelas chamas – e nada que ela pudesse fazer seria capaz de salvá-los. Nem Argon, que continua deitado em um estado indefeso; nem Thorgrin, que está em algum lugar distante, na Terra dos Druidas; nem Alistair ou Erec, que estão muito longe dali, nas Ilhas do Sul; e certamente nem Kendrick ou os Prata ou qualquer

um dos corajosos homens que ali se encontram – nenhum deles possui os poderes necessários para combater um dragão. Mágica é do que eles precisam – e também é a única coisa de que não dispõem.

Eles tinham tido sorte ao conseguirem escapar do Anel e, agora, o destino os havia alcançado. Não há mais como correr e nenhum lugar onde poderiam se esconder. É hora de encarar de frente a morte que há muito tempo os perseguiu.

Gwendolyn se vira, olha para o horizonte oposto e vê – mesmo daquela distância, uma massa escura de dragões que se aproxima rapidamente, voando na direção deles. Gwen tem pouco tempo; ela não quer morrer ali sozinha naquela costa, e sim junto ao seu povo, protegendo-os o máximo que lhe for possível.

Ela dá uma última olhada na direção do mar, esperando ver Guwayne uma última vez.

Mas não há nada. Guwayne está muito longe dela agora, em algum lugar do horizonte, sendo levado em direção a um mundo que ela jamais conheceria.

Por favor, Deus, Gwen reza. Esteja com ele. Leve minha vida no lugar da dele. Eu farei qualquer coisa. Mantenha Guwayne em segurança. Permita que eu volte a segurá-lo em meus braços. Eu lhe imploro. Por favor.

Gwendolyn abre os olhos, esperando ver algum sinal, talvez um arco íris no céu – qualquer coisa.

Mas o horizonte está vazio. Não há nada exceto nuvens tempestuosas escuras, como se o universo estivesse furioso com

ela pelo que Gwen havia feito.

Soluçando, Gwen dá as costas para o oceano mais uma vez, – dá as costas para o que ainda restava de sua vida, e começa a correr, aproximando-se a cada passo do momento em que enfrentaria o mal ao lado de seu povo pela última vez.

*

Gwen fica em pé nos parapeitos superiores do antigo forte de Tirus, rodeada por dezenas de seus companheiros, entre eles seus irmãos Kendrick e Reece, e Godfrey, além de seus primos Matus e Stara, Steffen, Aberthol, Srog, Brandt, Atme, e todos os cavaleiros da Legião. Todos observam o céu, em silêncio sombrio, cientes do que estava prestes a acontecer com todos eles.

Eles ficam ali parados, completamente impotentes e ouvindo o barulho distantes dos rugidos enquanto Ralibar luta por eles – um único e corajoso dragão fazendo o possível para segurar o exército de dragões inimigos. O coração de Gwen se enche de orgulho ao assistir Ralibar lutando, tão forte e corajoso; um dragão diante de dezenas e, ainda assim, sem demonstrar qualquer temor. Ralibar cospe fogo nos dragões, erguendo suas grandes garras para arranhá-los, agarrando-os e enfiando suas enormes presas em seus pescoços. Ele não só é mais forte do que os outros, mas também é mais rápido. É impressionante observá-lo em ação.

Enquanto Gwen assiste, seu coração se enche mais uma vez com uma pontada de esperança; uma parte dela ousa acreditar que Ralibar talvez possa derrotá-los. Ela vê Ralibar desviar e mergulhar quando três dragões assopram fogo em seu rosto, errando o alvo por pouco. Ralibar mergulha para a frente e enfia suas garras no peito de um dos dragões, usando seu impulso para empurrá-lo na direção do oceano.

Vários dragões assopram fogo nas costas de Ralibar quando ele mergulha, e Gwen assiste horrorizada quando Ralibar e o outro dragão se tornam uma bola flamejante, despencando em direção ao mar. O dragão tenta resistir, mas Ralibar usa todo o seu peso para empurrá-lo na direção das ondas – e logo, ambos caem dentro do oceano.

Ouve-se um grande chiado, e nuvens de vapor se erguem quando as águas do mar apagam o fogo. Gwen observa ansiosa, torcendo para que ele esteja bem – e momentos depois, Ralibar ressurge, sozinho. O outro dragão logo aparece, mas ele seu corpo está inerte, boiando nas ondas, morto.

Sem hesitar, Ralibar dispara para o céu, rumo às dezenas de outros dragões que mergulham na direção dele. Ao mesmo tempo em que eles descem, com suas grandes mandíbulas abertas com a intenção de mordê-lo, Ralibar parte para o ataque: ele estica suas imensas garras, inclinando-se para trás, abre suas asas e agarra dois deles ao mesmo tempo em que gira e os empurra para dentro do mar.

Ralibar os segura dentro da água, mas ao fazer isso, dezenas de

dragões atacam suas costas expostas. O grupo inteiro mergulha para dentro do mar, levando Ralibar junto com eles. Ralibar, por mais destemidamente que esteja lutando, está simplesmente em grande desvantagem, e é levado para o fundo do mar debatendo-se, preso por dezenas de dragões que gritam enfurecidos.

Gwen suspira, seu coração aos pedaços ao ver Ralibar lutando com tanta coragem por todos eles, enfrentando sozinho todos aqueles dragões; tudo o que ela mais quer é poder ajudá-lo. Ela vasculha o mar diante dela, procurando, esperançosa, por qualquer sinal de Ralibar e torcendo para encontrá-lo.

Mas para sua tristeza, ele não aparece.

Os outros dragões ressurgem, – voando para o céu e se reagrupando, e voltam suas atenções para as Ilhas Superiores. Eles parecem olhar diretamente para Gwendolyn ao darem um grande rugido ao mesmo tempo em que estendem suas asas.

Gwen sente seu coração partir. Seu grande amigo Ralibar, a última esperança de seu povo, sua última forma de resistência, havia morrido.

Gwen se vira para seus homens, que observam paralisados pelo choque. Eles sabem o que viria a seguir: uma inevitável onda de destruição.

Gwen se sente pesada; ela abre a boca, mas as palavras ficam presas em sua garganta.

"Soem os alarmes," ela diz finalmente com a voz rouca. "Levem nosso povo para o abrigo. Todas as pessoas aqui em cima precisam descer, agora. Levem-nos para cavernas, porões

– qualquer lugar, menos aqui. Levem-nos – agora!"

"Soem os alarmes!" Steffen grita, correndo para a entrada do forte e gritando para os soldados no pátio. Logo, os sinos tocam por toda a praça. Centenas de seus súditos, sobreviventes do Anel, começam a fugir, correndo para se esconderem, indo para cavernas nos arredores da cidade ou descendo para os porões e adegas no subsolo, preparando-se contra a inevitável onda de fogo que certamente viria.

"Minha rainha," Srog diz, voltando-se para ela, "talvez possamos todos nos refugiar no forte. Afinal de contas, ele é feito de pedras."

Gwen balança a cabeça.

"Você não conhece a fúria dos dragões," ela diz; "Nada que estiver na superfície estará seguro. Absolutamente nada."

"Mas minha senhora, talvez nós fiquemos mais seguros dentro do forte," ele insiste. "Ele resistiu ao teste do tempo. As paredes de pedras têm quase um metro de espessura. Não seria melhor ficarmos aqui do que embaixo da terra?"

Gwen balança a cabeça. Há um rugido, e ela olha para o horizonte e pode ver que os dragões se aproximam. Seu coração se sobressalta ao ver, à distância, os dragões assoprando uma parede de fogo em sua frota, que continua atracada no porto ao sul das ilhas. Ela assiste horrorizada quando seus preciosos navios, sua única forma de escapar daquelas ilhas – navios belíssimos cuja construção tinha levado anos, são reduzidos a nada além de brasas. Ela fica satisfeita por ter previsto aquilo, e

feliz por ter escondido alguns navios no outro lado da ilha. Gwen espera apenas que eles sobrevivam para poder usá-los.

"Não temos tempo para discussões. Todos deixaremos esse lugar imediatamente. Sigam-me."

Eles seguem Gwen enquanto ela se apressa em descer os degraus da escada em espiral o mais rápido que consegue; enquanto ela avança, Gwen instintivamente faz menção de apertar Guwayne contra o peito – e então seu coração se parte mais uma vez ao se lembrar que ela não estava mais ali. Ela sente que uma parte dela está faltando enquanto desce os degraus dois de cada vez, ouvindo os passos de todas as pessoas atrás dela enquanto se apressam para ir até um lugar mais seguro. Gwen pode ouvir os rugidos distantes dos dragões que se aproximam – e que já começam a sacudir as paredes do forte, e reza apenas para que Guwayne esteja seguro.

Gwen sai do castelo e atravessa o pátio correndo junto com os outros, todos dirigindo-se até a entrada das masmorras, há muito tempo sem qualquer prisioneiro. Vários de seus soldados os aguardam diante dos portões de ferro que se abrem para uma série de degraus que dão acesso ao subsolo, e antes de entrarem Gwen para e se volta para os seus companheiros.

Ela vê várias pessoas que parecem perdidas no pátio, gritando de medo e sem saber ao certo para onde ir.

"Venham aqui!" ela grita para eles. "Desçam ao subsolo! Venham todos!"

Gwen abre caminho, certificando-se de que todos estejam em

segurança primeiro, e um por vez, todos os seus amigos e súditos passam por ela descendo os degraus em direção à escuridão.

As últimas pessoas a pararem ao lado dela são seus irmãos, Kendrick, Reece e Godfrey, assim como Steffen. Os cinco se viram e vasculham o céu juntos ao mesmo tempo em que ouvem mais um rugido.

O grupo de dragões agora está tão perto que Gwen já pode vê-los a centenas de metros de distância, com suas grandes asas abertas, todos eles parecendo encorajados e cheios de fúria. Suas grandes mandíbulas estão completamente abertas, como se ansiosos para parti-los em pedaços, e seus dentes são tão grandes quanto Gwendolyn.

Então, pensa Gwendolyn, essa é a verdadeira aparência da morte.

Gwen dá uma última olhada pelo pátio, e vê centenas de seus súditos procurando refúgio em suas próprias casas, recusando-se a se esconder nas masmorras.

"Eu lhes disse para irem para algum lugar subterrâneo!" grita Gwen.

"Algumas pessoas lhe ouviram," Kendrick observa com tristeza, balançando a cabeça, "mas muitas recusaram-se a seguir seu conselho."

Gwen se decepciona, sendo tomada pela tristeza. Ela sabe o que aconteceria com aqueles que ficassem ali em cima. Por que seu povo tinha que ser tão obstinado?

E é então que acontece – o primeiro dragão assopra fogo na

direção deles, longe o suficiente para não queimá-los, mas já perto o bastante para que Gwen possa sentir o calor aquecendo o seu rosto. Ela ouve horrorizada quando gritos surgem ao redor do forte, vindos de pessoas do outro lado do pátio que haviam decidido esperar em cima, dentro de suas casas ou escondidas na fortaleza de Tirus. O forte de pedras, tão indomável apenas momentos antes, agora está incendiado, com chamas saindo pelas janelas de todos os lados como se ele não fosse nada além de uma casa de fogo, reduzido a brasas em uma questão de minutos. Gwen engole em seco, sabendo que se eles tivessem tentado resistir dentro do forte, logo todos estariam mortos.

Muitos não têm tanta sorte: eles gritam, em chamas, correndo pelas ruas antes de caírem mortos no chão de pedras. O cheiro horrível de carne queimada toma conta do ar.

"Minha senhora," Steffen diz, "temos que prosseguir. Agora!"

Gwen não consegue tirar os olhos da cena diante dela, mas sabe que não tem escolha e que ele está certo. Ela se deixa levar pelos outros, sendo guiada pelos portões, descendo os degraus através da escuridão ao mesmo tempo em que uma onda de fogo vem na direção dela. As portas de aço se fecham um segundo antes das chamas a alcançarem, e ela as ouve batendo atrás dela, sentindo como se uma porta estivesse se fechando em seu coração.

CAPÍTULO DOIS

Alistair, soluçando, se ajoelha ao lado do corpo de Erec, segurando-o com força, seu vestido completamente coberto de sangue. Ao abraçá-lo, o mundo parece girar em torno dela, e ela sente a vida começando a deixar o corpo dele. Erec, ferido pela espada, está gemendo, e ela pode sentir pelos ritmos de seu pulso que ele está morrendo.

"NÃO!" Alistair geme, segurando-o em seus braços, embalando seu corpo inerte. Ela sente seu próprio coração se partir em dois enquanto o segura junto a si, e sente que ela própria está morrendo. Este homem com quem ela estava prestes a se casar, que havia olhado para ela com tanto amor apenas momentos antes, agora deita praticamente morto em seus braços; ela mal pode processar tudo aquilo. Ele havia sido atacado desprevenido, repleto de amor e alegria; estava desavisado por causa dela. Por conta de sua brincadeira estúpida, por causa de seu pedido para que ele fechasse os olhos até que ela se aproximasse com seu vestido. Alistair se sente tomada pela culpa, como se tudo aquilo tinha acontecido apenas por causa dela.

"Alistair," ele geme.

Ela olha para baixo e vê os olhos dele semi abertos, e percebe que eles estão se tornando turvos quando a vida começa a deixá-los.

"Por favor, saiba que isso não é sua culpa," ele sussurra. "E saiba o quanto eu a amo."

Alistair chora, segurando-o junto ao peito, e sentindo seu corpo ficando cada vez mais frio. Ao mesmo tempo, algo desperta dentro dela, algo que reconhece a injustiça de tudo aquilo, um sentimento que simplesmente se recusa a permitir que ele morra.

Alistair de repente sente uma sensação familiar, um formigamento semelhante a milhares de agulhas nas pontas de seus dedos, e ela sente todo seu corpo se aquecer da cabeça aos pés. Uma estranha força toma conta dela, algo forte e primitivo, uma força que ela não é capaz de compreender; ela é mais forte do qualquer outra força que ela já havia sentido em toda sua vida, como se um espírito exterior estivesse tomando posse de seu corpo. Ela sente suas mãos e braços queimando como brasas, e instintivamente os estica e coloca as palmas das mãos sob o peito e testa de Erec.

Alistair as deixa ali, suas mãos queimando como nunca antes, e então fecha os olhos. Imagens passam diante de seus olhos. Ela vê Erec ainda jovem, deixando as Ilhas do Sul, tão orgulhoso e nobre, em pé em um grande navio; e então o vê entrando para a Legião; sendo aceito como um membro da Prata; participando de justas, tornando-se um campeão, derrotando inimigos e defendendo o Anel. Ela o vê com sua postura ereta e perfeita, montado em seu cavalo vestindo sua armadura de prata – um exemplo de nobreza e coragem. Ela sabe que não poderia deixar

que ele morresse; o mundo não poderia deixar que ele morresse.

As mãos de Alistair ficam ainda mais quentes, e ela abre os olhos e vê quando os dele se fecham. Ela também vê uma luz emanando de suas mãos, espalhando-se por todo o corpo de Erec; vê todo o seu corpo infundido por ela, envolto por um globo de luz. Enquanto ela observa, ela vê suas feridas, ainda sangrando, lentamente começarem a se fechar.

Os olhos de Erec se abrem de repente, cheios de luz, e ela sente algo mudar dentro dele. Seu corpo, momentos antes tão frio, começa lentamente a se aquecer. Ela sente sua força vital começar a retornar.

Erec olha para ela com surpresa e admiração, e ao fazer isso, Alistair de repente sente sua própria energia esgotar-se à medida que sua força vital diminui ao ser transferida para ele.

Os olhos dele se fecham e ele adormece profundamente. As mãos de Alistair de repente ficam frias, e ela verifica o pulso de Erec e vê que seus batimentos voltaram ao normal.

Ela suspira aliviada, sabendo que havia trazido seu amor de volta à vida. Suas mãos tremem, cansadas após a experiência, e ela se sente esgotada e ao mesmo tempo animada.

Obrigada, ela pensa, ao se abaixar e encostar seu rosto no peito de Erec, abraçando-o enquanto chora lágrimas de alegria. *Obrigada por não ter tirado meu marido de mim.*

Alistair para de chorar e observa a cena ao seu redor: ela vê a espada de Bowyer jogada no chão de pedra, seu punho e lâmina ainda cobertos de sangue. Ela odeia Bowyer mais do que

qualquer coisa que ela pode imaginar, e está determinada a se vingar pelo que ele tinha feito com Erec.

Alistair estica o braço e pega a espada ensanguentada; suas mãos se sujam de sangue quando ela ergue a espada, examinando-a. Quando ela se prepara para se livrar dela, para jogá-la do outro lado da sala – de repente a porta do quarto se abre.

Alistair se vira com a espada ensanguentada nas mãos, e vê a família de Erec entrando no quarto, acompanhada de uma dúzia de soldados. Quando eles se aproximam, suas expressões confusas se transformam em expressões de horror ao verem Erec deitado inconsciente no chão.

"Mas o que foi que você fez?" grita Dauphine.

Alistair olha para ela, sem compreender.

"Eu?" ela pergunta. "Eu não fiz nada."

Dauphine a encara com ódio ao mesmo tempo em que se aproxima.

"A não fez nada?" "Você só matou o maior e melhor cavaleiro das Ilhas!"

Alistair olha para ela horrorizada ao perceber por que todos estavam olhando para ela como se ela fosse uma assassina.

Ela olha para baixo e vê a espada ensanguentada em suas mãos, vê o sangue em seu vestido e percebe que todos deveriam estar pensando que ela havia feito aquilo.

"Mas não foi eu que o ataquei!" Alistair protesta.

"Ah, não?" Dauphine a acusa. "Então como foi que a espada

apareceu magicamente em suas mãos?"

Alistair olha ao redor do quarto, ao mesmo tempo em que todos começam a se aproximar dela.

"Foi um homem que fez isso. O homem que o desafiou no campo de batalhas: Bowyer."

Os outros se entreolha, céticos.

"Ah, foi mesmo?" Dauphine pergunta. "E onde está esse homem?" ela pergunta, procurando pelo quarto.

Alistair não vê qualquer sinal dele, e percebe que todos devem achar que ela estava mentindo.

"Ele fugiu," ela explica. "Depois de tê-lo atacado."

"E então como foi que essa espada foi parar em suas mãos?" Dauphine pergunta.

Alistair olha para a espada em suas mãos horrorizada e a joga no chão, fazendo barulho no chão de pedras.

"Mas por que eu mataria meu futuro marido?" ela pergunta.

"Você é uma feiticeira," Dauphine fala, encarando-a de perto agora. "Pessoas como você não merecem nossa confiança. Ah, meu pobre irmão!" Dauphine fala, correndo para a frente e ajoelhando-se ao lado de Erec, ficando entre ele e Alistair. Dauphine abraça Erec, segurando-o com força.

"Mas o que foi que você fez?" Dauphine geme entre lágrimas.

"Mas eu sou inocente!" exclama Alistair.

Dauphine se vira para ela com uma expressão de ódio, e então se dirige aos seus soldados.

"Prendam-na!" ela ordena.

Alistair sente suas mãos sendo presas atrás de seu corpo ao mesmo tempo em que ela é forçada a ficar em pé. Não lhe restam mais energias, e ela é incapaz de resistir quando os guardas prendem seus pulsos em suas costas e começam a arrastá-la para longe. Ela não se importa mais com o que possa acontecer com ele – embora, ao ser levada, ela não consegue suportar a ideia de ser separada de Erec. Não agora, quando ele mais precisa dela. A cura que ela havia lhe dado era apenas temporária; ela sabe que ele logo precisaria de mais uma sessão, e se ele não a recebesse, ele certamente morreria.

"NÃO!" ela grita. "Solte-me!"

Mas seus gritos não surtem qualquer efeito e ela é levada embora, amarrada, como se ela fosse apenas uma criminosa comum.

CAPÍTULO TRÊS

Thor ergue as mãos aos olhos, cegado pela luz quando as brilhantes portas douradas do castelo de sua mãe se abrem, tão intensa que ele mal consegue ver. Uma figura caminha na direção dele, a silhueta de uma mulher que ele sente – com cada centímetro de seu corpo, ser sua mãe. O coração de Thor se acelera quando ele a vê parada diante dele, com os braços relaxados ao lado de seu corpo, olhando para ele.

Lentamente, a luz começa a desaparecer apenas o suficiente para que ele possa abaixar as mãos e olhar para ela. Aquele é o momento pelo qual ele esperava durante toda a sua vida, o momento que havia assombrando seus sonhos. Ele mal consegue acreditar: é realmente ela. A mãe dele. Dentro do castelo, em cima daquele penhasco. Thor finalmente abre completamente os olhos e a vê pela primeira vez ali, a apenas alguns metros dele, olhando de volta para ele. Pela primeira vez, ele vê o rosto dela.

Thor prende a a respiração ao ver a mulher mais linda que ele jamais havia visto em toda sua vida. Ela parece não ter idade, aparentando ser ao mesmo tempo jovem e velha, com uma pele quase translúcida e um rosto brilhante. Ela sorri para ele docemente, e seus cabelos loiros caem além de sua cintura, seus olhos são cinza brilhantes e seus traços marcantes se assemelham aos dele. O que mais surpreende Thor ao olhar para ela é que de certa forma ele pode reconhecer muitas características suas no

rosto dela – a curva de seu maxilar, seus lábios, o tom de seus olhos cinza, e até mesmo a altura da testa dela. De alguma forma, é como se ele estivesse olhando para si mesmo. Ela também se parece muito com Alistair.

A mãe de Thor, vestindo um manto de seda branco com capuz, fica em pé com os braços ao lado do corpo e as palmas das mãos viradas pra fora, sem nenhuma joia, e sua pele parece ser macia como a de um bebê. Thor pode sentir uma intensa energia emanando dela, mais intensa do que qualquer energia que ele já havia sentido, como se o sol o estivesse envolvendo. Enquanto ele permanece envolvido por ela, ele sente ondas de amor direcionadas a ele. Thor nunca havia sentido tanto amor e aceitação incondicionais. Ele sente como se ele *pertencesse* ali.

Parado ali diante dela agora, Thor finalmente sente como se uma parte dele estivesse completa, como se o mundo finalmente estivesse em seu lugar.

"Thorgrin, meu filho," ela diz.

Aquela é a voz mais bela que ele já tinha ouvido, suave, ressoando pelas antigas paredes de pedra do castelo, parecendo ter descido diretamente do céu para seus ouvidos. Thor fica ali parado completamente em choque, sem saber o que fazer ou dizer. Aquilo estava mesmo acontecendo? Ele se pergunta brevemente se aquilo tudo seria apenas uma criação da Terra dos Druidas, apenas outro sonho, ou sua mente pregando mais uma peça nele. Ele queria abraçar sua mãe desde que conseguia se lembrar, e então dá um passo á frente, determinado a descobrir

se ela era apenas uma aparição.

Thor estica o braço para tocá-la e, ao fazer isso, teme que seu abraço encontrará apenas o vazio, e que aquilo não passa apenas de uma ilusão. Mas o estender a mão, ele sente seus braços envolverem o corpo dela, e se vê abraçando uma pessoa de verdade – e sente quando ela o abraça de volta. É a melhor sensação do mundo.

Ela o abraça com força, e Thor fica exultante em saber que ela é real. Que tudo aquilo é real. Que ele tem uma mãe de verdade, que ela realmente existe, e que ela realmente está ali, naquela terra de ilusões e de fantasias – e que ela verdadeiramente se importa com ele.

Depois de algum tempo, eles se separam, e Thor olha para ela com lágrimas nos olhos, e vê que ela também tem lágrimas nos dela.

"Estou tão orgulhosa de você, meu filho," ela diz.

Ela a encara, sem saber o que dizer.

"Você completou sua jornada," continua ela. "Você é digno de estar aqui. Você se tornou o homem que eu sempre soube que você se tornaria."

Thor a observa, analisando suas feições, ainda encantado pelo fato de que ela realmente existe, e se perguntando o que dizer. Durante toda a sua vida, ele havia sido inundado por tantas perguntas, mas agora que está diante dela, ele não consegue se lembrar de nenhuma delas. Ele sequer sabe por onde começar.

"Venha comigo," ela fala, virando-se, "e eu vou lhe mostrar

esse lugar – o lugar onde você nasceu."

Ela sorri, estendo o braço, e Thor segura a mão dela.

Eles caminham lado a lado pelo castelo, e uma luz emana de sua mãe e reflete pelas paredes enquanto ela lidera o caminho. Thor observa tudo com espanto: aquele é o lugar mais resplandescendente que ele já tinha visto, as paredes do castelo são todas feitas de ouro, é tudo perfeito e brilhante, completamente surreal. Ele sente como estivesse em um castelo mágico no céu.

Eles atravessam um corredor comprido com tetos altos abobadados, a luz se reflete nas paredes. Thor olha para baixo e vê que o chão é coberto de diamantes lapidados, que brilham como um milhão de pontos de luz.

"Por quê você me deixou?" ele de repente pergunta

Essas são as primeiras palavras que Thor pronuncia, e elas surpreendem até mesmo a ele. De todas as coisas que ele gostaria de ter lhe perguntado, por alguma razão aquela tinha sido sua primeira pergunta, e ele se sente envergonhado por não ter nada mais gentil para dizer a ela. Mas ela não tinha tido a intenção de ser tão grosseiro.

Mas o sorriso compreensivo de sua mãe não se desfaz. Ela continua caminhando ao lado dele sem demonstrar nada exceto amor por ele, e ele sente total aceitação dela, e sente que ela não o julga, não importa o que ele possa dizer a ela.

"Você tem razão em estar chateado comigo," ela diz. "Devo lhe pedir perdão. Você e sua irmã são mais importantes para mim do que qualquer outra coisa nesse mundo. Eu gostaria de

ter criado vocês dois aqui comigo – mas isso não era possível. Pois vocês são especiais. Vocês dois."

Eles chegam a outro corredor, e sua mãe para e se vira na direção dele.

"Você não é simplesmente um Druida, Thor, ou apenas um guerreiro. Você é o maior guerreiro que jamais existiu, e que jamais existirá – e o maior Druida também. O seu destino é um destino muito especial; sua vida é muito maior que este lugar. É uma vida e um destino a serem compartilhados com o mundo. E é por isso que eu o libertei. Eu o deixei viver no mundo lá fora, para que você se tornasse o homem que você é, para que tivesse as experiências que teve, e pudesse aprender a se tornar o guerreiro que precisava ser."

Ela respira fundo.

"Você vê, Thorgrin, não é a reclusão e o privilégio que fazem um grande guerreiro, e sim o esforço e a dor. O sofrimento acima de tudo. Foi horrível para mim ver você sofrer – mas, paradoxalmente, era exatamente isso que você precisava para se tornar o homem que você se tornou. Você pode compreender isso, Thorgrin?"

Thor de fato, pela primeira vez na vida, começa a entender. Pela primeira vez, tudo faz sentido. Ela pensa em todo sofrimento que havia enfrentado em sua vida: ser criado sem uma mãe, ser tratado como um criado por seus irmãos, ter um pai que o odiava, em uma vila pequena onde todos o viam como uma pessoa insignificante. Sua infância tinha sido uma longa sequência de

humilhações.

Mas agora ele estava começando a compreender que ele precisava de tudo aquilo; que todo aquele sofrimento e dor tinham sido necessários.

"Toda o seu trabalho, a sua independência, o seu esforço para encontrar o seu próprio caminho," continua sua mãe, "foi meu presente para você. Um presente para torná-lo mais forte."

Um presente, Thorgrin pensa. Ele nunca havia considerado as coisas assim antes. Na época, aquilo tudo havia lhe parecido qualquer coisa exceto um presente – mas agora, olhando para trás, ele entende que era exatamente isso. À medida que ela explica tudo, ele percebe que ela tem razão. Todas as adversidades que ele havia enfrentado na vida – tudo não tinha passado de um presente, que o havia ajudado a se tornar o homem que ele era agora.

A mãe dele se vira, e os dois continuam andando lado a lado pelo castelo, enquanto a mente de Thor ferve com um milhão de perguntas.

"Você é real?" Thor pergunta

Mais uma vez, ele se envergonha por ser tão direto, e mais uma vez se vê fazendo uma pergunta que não tinha a intenção de fazer. Ainda assim, ele quer saber a resposta.

"Esse lugar existe mesmo?" emenda ele. "Ou é apenas mais uma ilusão, apenas uma invenção da minha própria imaginação, como o restante dessa terra?"

A mãe dele sorri

"Eu sou tão real quanto você," ela responde.

Thor assente, sentindo-se mais seguro por sua resposta.

"Você está correto em presumir que a Terra dos Druidas é uma terra de ilusões, uma região mágica que existe dentro de você mesmo," continua ela. "Eu sou bastante real – mas ao mesmo tempo, como você, sou uma Druida. Druidas são tão presos ao plano físicos como os humanos. O que significa que uma parte de mim vive aqui, enquanto uma parte de mim vive em outro lugar. E é precisamente por isso que sempre estive com você, mesmo que você nem sempre tenha me visto. Druidas estão em toda parte e em parte alguma ao mesmo tempo. Vivemos em mundos que outras pessoas não vivem."

"Como Argon," comenta Thor, lembrando do olhar distante de Argon, de seu costume de aparecer e desaparecer, de estar e não estar nos lugares ao mesmo tempo.

Ela assente.

"Sim," ela diz. "Exatamente como meu irmão."

Thor engasga, surpreso.

"Seu irmão?" ele repete.

Ela assente.

"Argon é sei tio," ela fala. "Ele o ama de verdade. Ele sempre o amou. E a Alistair também."

Thor considera tudo, espantado.

Ele franze a testa ao pensar em algo.

"Mas comigo, é diferente," ele diz. "Eu sou igual a você. Eu me sinto mais ligado aos lugares do que você. Eu não posso viajar

entre os mundos como Argon."

"Isso é por que você é metade humano," ela responde.

Thor considera a resposta dela.

"Eu estou aqui agora, nesse castelo, em minha casa," ele diz.

"Essa é minha casa, não é mesmo?"

"Sim," ela diz. "Sim, Seu verdadeiro lar. Tão seu quanto qualquer outro que você possa ter no mundo. Embora nós Druidas não sejamos tão ligados ao conceito de lares."

"Então se eu quiser ficar aqui, se escolher viver aqui, eu posso?" Thor pergunta

Sua mãe balança a cabeça.

"Não," ela responde. "Pois seu tempo aqui, na Terra dos Druidas, é temporário. Sua chegada aqui foi planejada – mas só é possível visitar a Terra dos Druidas uma única vez. Ao deixar esse lugar, você nunca mais poderá voltar. Este lugar, este castelo e tudo que você vê aqui, este lugar que você vê em seus sonhos há tantos anos, tudo desaparecerá. Como um rio em que não se pode entrar duas vezes."

"E você?" Thor pergunta, de repente com medo.

Sua mãe balança a cabeça suavemente.

"Você também não me verá novamente. Não dessa forma. Mas eu sempre estarei com você."

Thor se entristece com a ideia.

"Mas eu não compreendo," ele diz. "Eu finalmente a encontrei. Finalmente encontrei esse lugar, meu lar. E agora você me diz que é apenas por uma vez?"

Sua mãe respira fundo.

"O lar de um guerreiro é o mundo lá fora," ela responde. "O seu dever está lá, em ajudar os outros, em defendê-los – e em tornar, sempre, um guerreiro melhor. É sempre possível se tornar um guerreiro melhor. Guerreiros não devem ficar parados – especialmente não um guerreiro com um destino grandioso como o seu. Você terá grandes conquistas em sua vida: grandes castelos, cidades e povos. Mas você não deve se apegar a nada. A vida é como uma grande maré, e você deve permitir que ela o leve onde ela quiser."

Thor franze a testa, tentando entender. É muita coisa para assimilar de uma só vez.

"Eu sempre pensei que, quando a encontrasse, minha grande missão teria terminado."

Ela sorri para ele.

"Essa é natureza da vida," responde ela. "Grandes missões nos são dadas ou nós mesmos as escolhemos, e então devemos realizá-las. Nós nunca imaginamos que podemos realmente completá-las – e ainda assim, de alguma forma, conseguimos. E quando fazemos isso, quando chegamos ao fim dessas missões, esperamos que nossas vidas tenham chegado ao fim. Mas nossas vidas estão apenas começando. Chegar ao topo da montanha é realmente uma grande realização – mas também dá acesso a uma montanha ainda maior. Completar uma missão lhe dá a chance de embarcar e outra missão ainda maior."

Thor olha para ela, completamente surpreso.

"É isso mesmo," ela diz, lendo a mente dele. "O fato de você ter me encontrado quer dizer que agora você terá outra missão – ainda mais importante."

"E que outra missão poderia haver?" Thor pergunta "Que missão mais importante que encontrar você pode existir?"

Ela sorri para ele com os olhos repletos de sabedoria.

"Você não pode nem imaginar que missões ainda existem diante de você," ela fala. "Algumas pessoas nascem com apenas uma missão nessa vida. Algumas pessoas simplesmente nascem sem nenhuma. Mas você, Thorgrin – você nasceu com um destino de doze missões."

"Doze?" Thor pergunta, alarmado.

Ela assente.

"A Espada do Destino era uma delas. Você completou essa missão maravilhosamente bem. Encontrar-me era outra. Você completou duas delas. Você ainda tem dez missões a cumprir, dez missões ainda mais importantes do que as duas primeiras."

"Mais dez?" ele pergunta. "Mais importantes? Como isso possível?"

"Deixe-me mostrar-lhe," ela diz, aproximando-se dele e colocando um braço em torno de seus ombros e levando-o gentilmente pelo corredor. Eles atravessam uma porta brilhante de safiras, e entram em um quarto feito inteiramente de safiras verdes brilhantes.

A mãe de Thor o leva para o outro lado do quarto até uma enorme janela arqueada feita de cristal. Thor para ao lado dela

e coloca a palma de sua mão sobre o cristal, sentindo que é isso que deveria fazer, e assim que faz isso, duas partes se abrem.

Thor olha para o oceano, uma vasta paisagem diante dele, coberta por uma névoa ofuscante que lhe dá a sensação de que ele está assistindo tudo do céu.

"Olhe," ela pede. "Diga-me o que você vê."

Thor olha para fora, e a princípio não vê nada além do mar e da neblina. Mas logo, a neblina começa a se dissipar, o oceano desaparece e imagens começam a aparecer diante de seus olhos.

A primeira coisa que Thor vê é Guwayne, no meio do mar, boiando em um pequeno barco,

O coração de Thor se acelera em pânico.

"Guwayne," ele fala. "É verdade?"

"Nesse exato momento ele está perdido em alto mar," ela diz. "Ele precisa de você. Encontrá-lo será uma das maiores missões de toda sua vida."

Enquanto observa Guwayne afastando-se no mar, Thor sente grande urgência em sair daquele lugar imediatamente, em correr para dentro do oceano.

"Eu tenho que ir até ele – agora!"

Sua mãe coloca a mão em seu braço.

Veja o que mais você deve ver," ela pede.

Thor continua olhando e vê Gwendolyn e seu povo; eles estão amontoados em uma ilha rochosa tentando se proteger enquanto um grupo de dragões se aproxima no céu, prestes a atacá-los. Ele vê uma parede de fogo, corpos incendiados, e pessoas gritando

de agonia.

O coração de Thor bate acelerado pela urgência da situação "Gwendolyn," Thor grita. "Eu tenho que ir até ela."

A mãe dele assente.

"Ela precisa de você, Thorgrin. Todos eles precisam de você – e também precisam de um novo lar."

Enquanto Thor continuar olhando, ele vê a imagem se transformar, e vê todo o Anel devastado, a paisagem carbonizada completamente tomada pelos homens de Tirus,

"O Anel," ele fala, horrorizado. "Ele não existe mais."

Thor sente um desejo ardente de sair correndo dali e resgatar todos eles imediatamente.

A mãe dele estica os braços e fecha a janela, e ele se vira e olha para ela.

"Essas são apenas algumas das missões que o aguardam," ela diz. "Seu filho precisa de você, Gwendolyn precisa de você, e seu povo precisa de você – e além disso, você deve se preparar para o dia em que se tornará Rei."

Os olhos de Thor se arregalam.

"Eu? Rei?"

A mãe dele assente.

"É o seu destino, Thorgrin. Você é nossa última esperança. É você que deve se tornar o Rei dos Druidas."

"Reis dos Druidas?" ele pergunta, tentando entender. "Mas... eu não compreendo. Eu pensei que estivesse na Terra dos Druidas."

"Os Druidas não vivem mais aqui," sua mãe explica para ele. "Nós somos uma nação de exilados. Eles agora vivem em um reino distante, em um lugar muito distante do Império, e estão em grande perigo. Você está destinado a se tornar o Rei deles. Eles precisam de você, e você deles. Coletivamente, seus poderes serão necessários para combater o maior poder que jamais existiu. Uma ameaça muito maior que os dragões."

Thor a encara, pensando.

"Estou muito confuso, mãe," ele admite.

"Isso é porque seu treinamento ainda está incompleto. Você avançou muito, mas ainda não alcançou os níveis que precisa alcançar para se tornar um grande guerreiro. Você vai encontrar mestres poderosos que irão guiá-lo, e que o levarão a níveis inimagináveis. Você não tem ideia do guerreiro que um dia você se tornará."

"E você precisará de todo treinamento que eles puderem lhe oferecer," ela continua. "Você enfrentará impérios monstruosos, reinos maiores do que você jamais enfrentou. Você encontrará tiranos selvagens que farão Andronicus parecer uma criança."

Sua mãe examina Thor com olhos cheios de sabedoria e compaixão.

"A vida é sempre muito maior do que pensamos, Thorgrin," ela continua. "E sempre nos surpreende. O Anel pode lhe parecer um grande reino, o centro do mundo. Mas é um reino pequeno comparado ao resto do mundo; é apenas uma parte do Império. Há mundos, Thorgrin, além do que você é capaz de imaginar,

muito maiores do que qualquer coisa que você já tenha visto. Você mal começou a viver." Ela faz uma pausa. "Você vai precisa disso."

Thor olha para baixo e sente algo em seu pulso, e vê quando sua mãe coloca algo em seu punho, um bracelete com vários centímetro de largura, cobrindo metade de seu antebraço. Ele é feito de ouro brilhante e tem um diamante negro no meio. O bracelete é a coisa mais bonita e poderosa que ele já tinha visto, e ao usá-lo em seu braço, Thor o sente pulsando, infundindo-o com um estranho poder.

"Enquanto estiver usando isso," ela diz, "nenhum homem e nenhuma mulher poderá feri-lo."

Thor olha para a mãe, e as imagens que ele tinha visto na janela de cristal passam pela sua mente, e ele sente novamente a urgência em salvar Guwayne, Gwendolyn e todo o seu povo.

Mas uma parte dele não quer deixar aquele lugar, deixar o lugar de seus sonhos para onde ele sabe jamais poderia voltar – e também não gostaria de deixar sua mãe.

Ele examina seu bracelete, sentindo seu poder tomando conta dele. Ele sente como se estivesse carregando uma parte de sua mãe junto com ele.

"É por isso que deveríamos nos encontrar aqui?" Thor pergunta "Para que você pudesse me entregar isso?"

Ela assente.

"E mais importante," ela completa, "para que eu pudesse lhe dar todo meu amor. Como um guerreiro, você deve aprender a

odiar. Mas é igualmente importante que você aprender a amar. O amor é a força mais importante. O ódio pode matar um homem, mas o amor pode erguê-lo, e é preciso mais força para curar um homem do que para matá-lo. É preciso saber odiar, mas também é preciso conhecer o amor – e é especialmente importante saber qual das duas forças escolher. É preciso aprender a amar, mas é ainda mais importante aprender a aceitar ser amado. Da mesma forma que precisamos de refeições, também precisamos de amor. Você precisa saber o quanto eu o amo. O quanto eu o aceito. O quanto tenho orgulho de você. E precisa saber que sempre estarei com você. E saiba que nos encontraremos novamente. Enquanto isso, permita que meu amor o acompanhe. E mais importante, permita-se amar e aceitar a si mesmo."

A mãe de Thor dá um passo adiante se o abraça, e ele retribui o gesto. É muito bom abraçá-la, saber que ele tem uma mãe, uma mãe que realmente existe no mundo. Enquanto ele a envolve em seus braços, ele se sente envolvido por seu amor ele, e se sente renascido e pronto para enfrentar qualquer coisa.

Thor se afasta e olha dentro dos olhos dela. Seus olhos são da mesma cor dos seus, cinza e brilhantes.

Ela coloca as duas mãos cabeça dele e beija a sua testa. Thor fecha os olhos e deseja que aquela momento não termine nunca.

Ele de repente sente uma brisa fresca nos braços e ouve o som de ondas arrebatando ao seu redor, e sente o ar úmido do oceano. Ao abrir os olhos, ele olha surpreso ao seu redor.

Para seu choque, sua mãe não está em parte alguma. Seu

castelo desapareceu. O penhasco desapareceu. Ele olha ao seu redor, e vê que ele está em uma praia, e que a praia fica na entrada da Terra dos Druidas. Ele de alguma forma misteriosa, saído da Terra dos Druidas. E agora, ele está completamente sozinho.

Sua mãe havia desaparecido.

Thor olha para o seu pulso, para o seu novo bracelete dourado com o diamante negro no meio, e se sente transformado. Ele sente a presença de sua mãe com ele, sente o amor dela, e se sente capaz de conquistar o mundo. Ele se sente mais forte do que nunca. Ele se sente preparado para encarar uma batalha contra qualquer inimigo, para salvar sua esposa e seu filho.

Ao ouvir um ronronar, Thor olha para o lado e fica feliz ao ver Mycoples sentada não muito longe, levantando lentamente suas grandes asas. Ela ronrona e caminha na direção dele, e Thor sente que Mycoples também está pronta.

Quando ela se aproxima, Thor olha para baixo e fica surpreso ao ver algo na areia da praia, que estava escondido embaixo dela. É algo branco, grande e redondo. Thor olha mais de perto e vê que se trata de um ovo.

O ovo de um dragão.

Mycoples olha para Thor, que também olha para ela, surpreso. Mycoples olha novamente para o ovo com tristeza, como se não quisesse deixá-lo mas sabendo que não tinha escolha. Thor observa o ovo com espanto, e se pergunta que tipo de dragão ela e Ralibar teriam. Ele sente que seria o maior dragão que a humanidade jamais tinha visto.

Thor monta em Mycoples, e os dois olham para a Terra dos Druidas uma última vez, contemplando aquela terra misteriosa que havia recebido Thor, e que então o havia expulso. É um lugar que ainda causa muita admiração em Thor, um lugar que ele jamais entenderia completamente.

Thor então se vira e olha para o grande oceano diante dele.

"É hora de encararmos a guerra, minha amiga," Thor fala com a voz firme, confiante – a voz de um homem, de um guerreiro – de um futuro rei.

Mycoples ruge, erguendo suas grandes asas, e leva Thor para cima sobre o grande oceano, para longe daquele mundo, na direção de Guwayne, Gwendolyn, Romulus e de seus dragões – em direção a batalha da vida de Thor.

CAPÍTULO QUATRO

Romulus está na proa de seu navio, à frente de sua frota com milhares de navios atrás dele, observando o horizonte com uma expressão de satisfação em seu rosto. Acima dele, seu exército de dragões o acompanha, seus rugidos preenchendo o ar enquanto enfrentam Ralibar em uma luta desleal. Romulus assiste a luta, enfiando suas unhas compridas na grade de madeira enquanto observa as bestas atacando Ralibar e empurrando o dragão para dentro do mar repetidas vezes, segurando-o debaixo d'água.

Romulus grita de alegria e aperta a grade com tanta força que a madeira se desfaz entre seus dedos enquanto ele observa os dragões dispararem pelo céu, sem qualquer sinal de Ralibar. Ele ergue as mãos acima de sua cabeça e se inclina para a frente, com uma sensação de poder em suas mãos.

"Vão em frente meus dragões," ele sussurra, com um brilho no olhar. "Vão."

Assim que ele pronuncia essas palavras os dragões se viram na direção das Ilhas Superiores; eles se apressam, rugindo e batendo ainda mais suas asas. Romulus se sente controlando-os,, sentindo-se invencível, capaz de controlar qualquer coisa no universo. Afinal de contas, a sua lua ainda não havia terminado. O seu período de poder logo terminaria, mas por ora, nada no universo poderia detê-lo.

Os olhos de Romulus brilham ao observar seus dragões se

aproximarem as Ilhas Superiores, e ver homens, mulheres e crianças correrem gritando enquanto fogem de seu caminho. Ele assiste com satisfação quando as chamas começam a cair e as pessoas começam a ser incendiadas, e a ilha é consumida por uma bola de fogo e destruição. Ele fica extremamente feliz ao ver tudo ser destruído, da mesma forma que ele tinha visto o Anel ser reduzido a cinzas.

Gwendolyn havia conseguido escapar dele – mas desta vez, não havia para onde escapar. Finalmente, o último dos MacGil seria esmagado de uma vez por todas. Finalmente, não havia mais qualquer lugar no universo que ainda não estava sob seu domínio.

Romulus se vira e olha para seus milhares de navios, – observando sua imensa frota que domina o horizonte, respirando fundo e inclinando-se para trás. Ele olha para o céu e ergue os braços para os lados com as palmas viradas para cima, e então dá um horrível grito de vitória.

CAPÍTULO CINCO

Gwendolyn está no porão cavernoso, amontoada com dezenas de seus companheiros, escutando a terra tremer e queimar acima deles. Seu corpo estremece a cada barulho. A terra treme com força suficiente para derrubá-los algumas vezes quando, acima deles, grandes pedaços de rochas caem no chão – como se fossem brinquedos nas mãos dos dragões. O som das pedras rolando ecoa sem parar na mente de Gwendolyn, como se o mundo inteiro estivesse sendo destruído.

O calor se torna cada vez mais intenso no subsolo à medida que os dragões começam a assoprar fogo nas portas de aço acima deles repetidas vezes, como se soubessem que eles estavam escondidos ali embaixo. Embora as chamas sejam barradas pelo aço, a fumaça passa pelas frestas, fazendo com que fique cada vez mais difícil respirar ali embaixo e causando várias crises incontroláveis de tosse.

De repente há um barulho inconfundível de pedra batendo contra o aço, e Gwen assiste horrorizada quando as portas de aço se dobram e chacoalham, praticamente se rompendo. Obviamente, os dragões sabem que eles estão ali, e estão se esforçando ao máximo para conseguirem acesso.

"Quanto tempo as portas resistirão?" Gwen pergunta para Matus, que está parado por perto.

"Eu não sei ao certo," Matus responde. "Meu pai construiu

este lugar para resistir a ataques de inimigos – e não dragões. Eu não acredito que vá resistir por muito mais tempo."

Gwen sente a morte se aproximando dela à medida que o quarto se torna cada vez mais quente, sentindo-se como se estivesse em pé sob uma terra em brasa. Fica cada vez mais difícil enxergar por causa da fumaça, e o chão treme quando mais destroços são jogados várias vezes, e pequenos pedaços do teto e poeira caem sobre suas cabeças.

Gwen olha ao seu redor para os rostos aterrorizados das pessoas em torno dela, e não consegue evitar pensar se, ao se esconderem ali, eles haviam se condenado a uma morte lenta e dolorosa. Ela começa a se questionar se talvez, as pessoas que haviam morrido imediatamente lá em cima tinham tido mais sorte.

De repente há um silêncio quando os dragões parecem voar para outro lugar. Gwen se surpreende, e começa a se perguntar para onde eles poderiam ter ido, e então ela ouve um grande barulho de rochas e a terra treme com tanta violência que todos no quarto caem no chão. O barulho tinha sido distante, e a terra treme por duas vezes, como se estivesse havendo um deslizamento de terra.

"O forte de Tirus," Kendrick fala, aproximando-se dela. "Eles devem tê-lo destruído."

Gwen olha para cima e percebe que ele provavelmente estava certo. O que mais teria causado tamanha avalanche de pedras? Claramente, os dragões estavam com muito ódio, e determinados

a destruir todas as coisas que existiam naquelas ilhas. Ela sabe que seria apenas uma questão de tempo até que eles conseguissem entrar ali também.

Durante a repentina pausa, Gwen se surpreende ao ouvir o som estridente do choro de um bebê cortando o ar. O som perfura o coração de Gwen como uma faca. Ela não consegue evitar pensar em Guwayne, e à medida que o som se torna mais alto, uma parte de Gwen, ainda perturbada, se convence que realmente se trata dele, chorando por ela em algum lugar lá em cima. Ela sabe que, racionalmente, aquilo seria impossível; seu filho está em algum lugar no meio do oceano, longe dali. E ao mesmo tempo, seu coração torce para que seja ele.

"Meu bebê!" ela grita. "Ele está lá em cima Eu preciso salvá-lo!"

Gwen corre para a escada, quando de repente ela sente uma mão forte segurando a dela.

Ela se vira e vê seu irmão Reece a segurando com força.

"Minha senhora," ele diz. "Guwayne está longe daqui. Este choro é de outro bebê."

Gwen não quer acreditar que isso seja verdade.

"Mas ainda assim, ele é apenas uma criança," ela diz. "E está completamente sozinho lá em cima. "Não posso permitir que ele morra."

"Se você for lá em cima," Kendrick diz, dando um passo adiante, tossindo por causa da fumaça, "teremos que fechar a porta assim que você sair, e você ficará completamente sozinha

lá em cima. E poderá morrer."

Gwen não consegue pensar com clareza. Em sua mente, há um bebê sozinho lá em cima, e ela sabe acima de tudo, que ela precisa salvá-lo – não importa o que aconteça.

Gwen se desvencilha de Reece e corre para a escada. Ela sobe os degraus três de cada vez, levanta a barra de metal que bloqueia as portas, e as empurra com o ombro, forçando para abri-las com toda sua força.

Gwen grita de dor ao fazer isso – já que as portas estão quentes por causa das chamas dos dragões – e rapidamente se afasta, determinada, ela cobre as mãos com as mangas de seu vestido e volta a empurrar.

Ela tosse sem parar ao sair ao ar livre, e nuvens de fumaça preta saem no subsolo junto com ela. Ao atingir a superfície, ela fecha os olhos diante da claridade, e então começa a procurar – levando a mão aos olhos, e fica surpresa ao se deparar com a onda de destruição diante dela. Tudo que existia apenas instantes antes agora tinha sido reduzido a pilhas de destroços fumegantes e carbonizados.

Ela volta a ouvir o choro do bebê, mais alto ali em cima, e olha à sua volta, esperando que a nuvem de fumaça se dissipe; então, ela vê, do outro lado do pátio, um bebê no chão, enrolado em um manto. Perto dele, ela encontra seus pais, queimados vivos, obviamente mortos. De alguma forma, o bebê havia sobrevivido. Talvez, Gwen pensa com uma pontada de tristeza, a mãe dele tenha morrido ao tentar salvá-lo das chamas.

De repente, Kendrick, Reece, Godfrey e Steffen surgem ao lado dela.

"Minha senhora, você deve voltar agora!" implora Steffen. "Você vai morrer aqui em cima."

"O bebê," Gwen fala. "Eu preciso salvá-lo."

"Isso não é possível," insiste Godfrey. "Você não conseguirá sobreviver!"

Gwen não se importa mais. Sua mente está determinada, e tudo o que ela pode ver, tudo que ela consegue pensar, é em salvar aquele bebê. Ela bloqueia o resto do mundo e sabe que, tanto quanto ela precisa respirar, ela também precisa salvá-lo.

Os outros tentam segurá-la, mas Gwen não se intimida; ela se desvencilha deles e corre na direção da criança.

Ela corre o mais rápido que pode, com o coração aos pulos enquanto atravessa os escombros e as nuvens de fumaça escura em meio às chamas. A fumaça negra age como um escudo e, por sorte, os dragões não a vêem. Gwen atravessa o pátio, correndo pela fumaça, vendo apenas o bebê e ouvindo apenas o seu choro.

Ela corre sem parar com seus pulmões quase explodindo, até que finalmente o alcança. Ela se ajoelha e o pega no colo e imediatamente examina seu rosto, e uma parte dela espera ver Guwayne.

Ela se decepciona ao perceber que não se trata de seu filho; é uma menina. Ela tem lindos olhos azuis cheios de lágrimas, gritando e tremendo com suas mãozinhas fechadas. Mesmo assim, Gwen fica feliz em segurar outro bebê em seus braços,

sentindo como se de alguma forma estivesse compensando o fato de ter mandado Guwayne para o meio do mar. E ela já pode perceber, depois ver brevemente os lindos olhos do bebê, que ela é realmente linda.

As nuvens de fumaça se dissipam, e Gwendolyn repentinamente se encontra exposta no lado oposto do pátio, segurando o bebê que ainda chora. Ela olha para cima e vê, a menos de cem metros, uma dúzia de dragões enfurecidos com enormes olhos brilhantes virarem na direção dela. Eles fixam seus olhares em Gwen com alegria e fúria, e ela pode ver que eles já se preparam para matá-la.

Os dragões se lançam no ar, batendo suas grandes asas, enormes quando vistos de tão perto, e começam a voar na direção dela. Gwen se prepara, parada ali segurando o bebê, sabendo que nunca conseguiria voltar a tempo.

De repente, ela ouve o som de espadas, e Gwen vê seus irmãos Reece, Kendrick e Godfrey, além de Steffen, Brandt, Atme e todos os membros da Legião se aproximando com suas espadas e escudos para garantirem a sua proteção. Eles formam um círculo ao redor dela, segurando seus escudos em direção ao céu, e todos se preparam para morrer junto dela. Gwen fica profundamente tocada e inspirada pela coragem deles.

Os dragões os atacam, abrindo suas grandes mandíbulas, e eles se preparam para a inevitável onda de fogo que certamente os mataria, Gwen fecha os olhos e vê seu pai, vê todas as pessoas que tinham sido importantes em sua vida, e se prepara para

reencontrá-los.

De repente, ela ouve um terrível grito e se encolhe, presumindo que o primeiro ataque tivesse acontecido.

Mas então Gwen percebe que aquele tinha sido um grito diferente, um grito que ela reconhecia: o grito de um amigo antigo.

Ela olha para o céu atrás dela, e se surpreende ao avistar um único dragão se aproximando no céu, apressando-se para enfrentar os dragões que lutam com ela. Ela fica ainda mais feliz em ver, montado em cima dele, o homem que ela mais ama no mundo:

Thorgrin.

Ela havia voltado.

CAPÍTULO SEIS

Thor monta nas costas de Mycoples, atravessando as nuvens, tão rápido que ele mal consegue respirar, enquanto ele avança em direção ao exército de dragões e se prepara para a batalha. O bracelete de Thor pulsa em seu antebraço, e ele sente que sua mãe o tinha presenteado com um novo poder que ele mal consegue compreender; é como se não houvesse uma linha entre o tempo e o espaço. Thor mal havia pensado em voltar, e mal tinha decolado das margens da Terra dos Druidas, e de repente ela já estava ali, acima das Ilhas Superiores, voando em direção ao exército de dragões. Thor tem a sensação de que tinha sido magicamente transportado até ali, como se tivesse viajado por uma fenda no tempo ou no espaço – como se sua mãe o tivesse enviado até ali, ou permitido que ele conseguisse realizar o impossível, voando mais rápido do que jamais havia feito antes. Ele sente que sua mãe o tinha presenteado com o dom da velocidade.

Quando Thor espia através da cobertura das nuvens, um imenso dragão aparece diante de sua visão, circulando as Ilhas Superiores e prestes a assoprar fogo sobre elas. Thor olha para baixo e seu coração se aperta ao ver que a ilha já está completamente tomada pelas chamas, praticamente destruída. Ele se pergunta com temor se alguém teria conseguido sobreviver ao ataque; e não vê como isso seria possível. Ele teria chegado

tarde demais?

Mas assim que Mycoples mergulha, ao chegar mais perto, os olhos de Thor se concentram em uma única pessoa, que o atrai como um ímã à medida que ele a identifica no meio do caos. Gwendolyn.

Ali estava ela, sua noiva, em pé no meio do pátio, destemida como de costume, segurando um bebê e cercada por todas as pessoas que Thor mais ama, todos segurando seus escudos em direção ao céu para protegê-la do ataque dos dragões. Thor assiste horrorizado quando os dragões abrem suas grandes mandíbulas e se preparam para assoprar fogo que ele sabe, em apenas alguns instantes, mataria Gwendolyn e todas as pessoas que ele ama.

“MERGULHE!” Thor grita para Mycoples.

Mycoples não precisa de mais encorajamento: ela mergulha mais rápido do que Thor poderia imaginar, tão rápido que ele mal consegue respirar, e ele se segura firme, descendo quase verticalmente. Dentro de instantes, ela chega perto de três dragões que estão prestes a atacar Gwendolyn, e com um forte rugido sua mandíbula se abre e ela estende suas garras diante dela e ataca os dragões desavisados.

Mycoples se choca contra os dragões, impulsionada pela descida, caindo sobre eles ao mesmo tempo em que arranha um deles com suas enormes garras e morde outro – batendo no terceiro com suas asas. Ela chega até eles momentos antes que eles cuspissem fogo em Gwendolyn, empurrando-os de cara no

chão.

Todos os dragões caem juntos, e uma grande nuvem de poeira se levanta; o impacto é tão forte que eles ficam presos no chão de terra, afundados com suas garras para cima. Quando eles aterrissam, Thor se vira e vê a expressão surpresa no rosto de Gwendolyn, e ele agradece a Deus por tê-la salvo a tempo.

Há um grande rugido, e Thor olha para o céu e vê um exército de dragões se aproximando.

Mycoples já está se virando e voando na direção deles, preparando-se para atacá-los sem demonstrar qualquer temor. Thor está desarmado, mas ele se sente diferente do que havia se sentido antes ao enfrentar uma batalha: pela primeira vez em sua vida, ele não sente a necessidade de usar armas. Ele sente que ele pode invocar e depender do poder que existe dentro dele mesmo. Seu verdadeiro poder. O poder que sua mãe havia despertado dentro dele.

À medida que eles se aproximam, Thor ergue seu pulso, mirando seu bracelete dourado na direção deles, e uma luz emana do diamante dourado no centro dele. Uma luz amarela envolve o dragão mais próximo deles, no meio do grupo, empurrando-o para trás pelo meio do ar, fazendo-o colidir com o resto dos dragões.

Mycoples, em um surto de raiva e determinada a se vingar, voa para o meio do exército de dragões, lutando e abrindo caminho através deles. Ela enfia suas presas no pescoço de um e arremessa outro para longe, enfrentando todos os dragões que cruzam a sua

frente. Ela se agarra a um dragão até que seu corpo fica inerte, e então ela o deixa cair; ele despenca como uma enorme rocha até o chão e, ao encontrar o solo, faz a terra tremer. Thor pode ouvir o impacto de onde está, pois ele causa um pequeno terremoto.

Ele olha para baixo e vê Gwen e os outros correrem para o esconderijo, e percebe para onde deve guiar os dragões, para longe da ilha, longe de Gwendolyn, de forma a lhes dar uma chance de escapar. Se ele puder levar os dragões para o meio do mar, ele poderia atraí-los para longe e lutar com eles longe dali.

"Vamos para o mar aberto!" Thor grita.

Mycoples segue o seu comando, e eles se viram e voam através do grupo de dragões para o outro lado da ilha.

Thor olha para trás ao ouvir outro rugido, e sente o calor distante das chamas lançadas em sua direção. Ele fica satisfeito ao ver que seu plano está funcionando: todos os dragões estão abandonando as Ilhas Superiores, e começam a segui-lo para o alto mar. À distância, abaixo dele, Thor localiza a frota de Romulus cobrindo o oceano, e ele sabe que, se de alguma forma ele sobrevivesse aos dragões, ele ainda teria que enfrentar um exército de um milhão de homens. Ele sabe que provavelmente não sobreviveria à esse confronto. Mas, ao menos, ele conseguiria dar algum tempo para Gwendolyn e seus amigos.

Pelo menos Gwendolyn sobreviveria.



Gwen fica em pé no que ainda resta do pátio da antiga corte de Tirus, ainda com o bebê em seus braços, olhando para céu com espanto, alívio e tristeza ao mesmo tempo. Seu coração se enche de alegria por ter visto Thor mais uma vez, o amor de sua vida, vivo, de volta para ela – e com Mycoples ainda por cima. Com ele ali, ela sente que uma parte dela havia sido restaurada, e ela sente como se tudo fosse possível mais uma vez. Ela sente algo que ela já não sentia há muito tempo: a vontade viver novamente.

Seus homens lentamente baixam seus escudos enquanto observam os dragões se afastando, finalmente deixando as ilhas, voltando para o alto mar. Gwen olha ao seu redor e vê a devastação que eles haviam deixado para trás, grandes pilhas de destroços, chamas por todos os lados, e dragões mortos deitados pelo pátio. É como se a Ilha tivesse sido destruída por uma guerra.

Gwen também vê o que devem ter sido os pais do bebê, dois corpos deitados próximos dali, ao lado do local onde Gwen a havia encontrado. Ela olha dentro dos olhos da criança e percebe que ela é provavelmente tudo o que lhe resta no mundo. Gwen a abraça com força.

"Essa é nossa chance, minha senhora!" Kendrick diz. "Devemos evacuar imediatamente!"

"OS dragões estão distraídos," completa Godfrey. "Pelo

menos por agora. Sabe-se lá quando eles vão voltar. Devemos sair daqui imediatamente."

"Mas o Anel já não existe," comenta Aberthol. "Para onde iríamos?"

"Qualquer lugar, menor aqui," responde Kendrick.

Gwen ouve essas palavras, mas elas estão muito distantes em sua mente; em vez disso, ela olha para o céu e observa Thor voando na distância, com seu coração cheio de saudade.

"E o que me dizem de Thorgrin?" ela questiona. "Devemos simplesmente deixá-lo, sozinho aqui?"

Kendrick e os demais se contorcem, seus rostos comunicando sua decepção. Obviamente, a ideia também os perturba.

"Lutaríamos com Thorgrin até a morte se pudéssemos, minha senhora," Reece fala. "Mas não podemos. Ele está no céu, acima do oceano, muito longe daqui. Nenhum de nós possui um dragão. Nem mesmo um poder igual ao dele. Não podemos ajudá-lo. Agora devemos ajudar aqueles que podemos ajudar. É para isso que Thor se sacrificou. É para isso que Thor dedicou sua vida. Devemos usar a oportunidade que ele nos deu."

"O que ainda resta de nossa frota está do outro lado da ilha," continua Srog. "Foi muito sábio de sua parte esconder aqueles navios. Agora devemos usá-los. Devemos reunir os sobreviventes, e deixar esse lugar imediatamente – antes que eles voltem."

A mente de Gwendolyn fervilha com emoções conflitantes. Ela gostaria muito de ir salvar Thor; mas ao mesmo tempo, ela

sabe que, esperar ali com todas aquelas pessoas, não seria nada bom. Os outros tinham razão: Thor havia colocado sua vida em risco para a segurança deles. Suas ações teriam sido em vão se ela não tentasse salvar aquelas pessoas enquanto pudesse.

E outro pensamento invade a mente de Gwen. Guwayne. Se eles partissem agora, e se apressassem para o mar aberto, talvez ainda pudessem encontrá-lo. E a ideia de rever seu filho a enche de esperança e vontade de viver novamente.

Finalmente, Gwen assente, segurando o bebê e se preparando para partir.

"Muito bem," ela responde. "Vamos encontrar meu filho."

*

O ruído dos dragões fica cada vez alto atrás de Thor à medida que os dragões se aproximam, seguindo-os enquanto ele e Mycoples voam cada vez mais longe das Ilhas Superiores, sobrevoando o oceano. Thor sente uma onda de fogo se aproximando de suas costas, prestes a envolvê-lo, e sabe se que não fizer algo logo, ele morrerá em breve.

Ele fecha os olhos, sem medo de invocar o poder dentro dele, sem sentir mais a necessidade de depender de qualquer arma ou poder físico. Ao fechar os olhos, ele se lembra do tempo que havia passado na Terra dos Druidas, e do poder que havia tido então, do quanto havia sido capaz de influenciar tudo à sua volta com o poder de sua mente. Ele se lembra do poder que existe

dentro dele, de como o universo é apenas uma extensão da mente dele.

Thor força seu poder a vir à superfície, e imagina uma grande parede de gelo atrás dele, protegendo-o do fogo que vem em sua direção. Ele se imagina completamente coberto por um escudo de gelo – ele e Mycoples, protegidos da parede de fogo dos dragões.

Thor abre os olhos e se surpreende ao sentir frio, e ver uma tremenda parede de gelo à sua volta, exatamente da forma como havia imaginado, com um metro de espessura e azul resplandescente. Ele olha para trás e vê as chamas dos dragões se aproximarem – e serem interrompidas pela parede de gelo, liberando vapor ao encostarem em seu escudo protetor. Os dragões ficam irados.

Thor circula quando a parede de gelo derrete, e decide enfrentar o exército de dragões de frente. Mycoples voa na direção deles destemidamente – e os dragões obviamente não esperavam por esse tipo de ataque.

Mycoples salta para a frente, estende suas garras e agarra um dos dragões pelas mandíbulas, girando e arremessando-o para o lado; o dragão vai girando descontroladamente e vai no oceano abaixo deles.

Antes que ela possa se reagrupar, Mycoples é atacada por outro dragão, que fecha suas mandíbulas na lateral de seu corpo. Ela grita, e Thor reage imediatamente. Ele salta para fora dela, pula em cima do nariz do dragão, corre pela cabeça dele e

rapidamente monta em suas costas. O dragão não solta Mycoples, e se contorce tentando se livrar de Thor, que se agarra com força enquanto tenta controlar o dragão hostil.

Ao mesmo tempo, Mycoples morde a cauda de outro dragão, arrancando-a com sua forte mordida. O dragão grita e cai no mar – mas logo vários outros dragões partem para cima de Mycoples, que fecham suas mandíbulas em suas patas.

Thor, enquanto isso, ainda se segura ao dragão, determinado a controlá-lo. Ele se força a permanecer calmo e a se lembrar que o segredo de tudo estava na mente dele. Ele pode sentir o tremendo poder daquele besta primitiva e antiga correndo por suas veias. E ao fechar seus olhos, ele para de resistir, e começa a se sentir em sintonia com a fera. Ele sente o coração do animal. seu pulso e sua mente. E lentamente se torna uma só criatura com a fera.

Thor abre os olhos, e o dragão também abre os dele, que agora brilham com uma cor diferente. Thor vê o mundo através dos olhos do dragão. Aquele dragão – aquela besta hostil, havia se tornado uma extensão de Thor. O que ele via, Thor também via. Thor comandava – e ele obedecia.

O dragão, a um comando de Thor, solta Mycoples; então ele dá um rugido e avança, enfiando suas presas nos três dragões que atacavam Mycoples, partindo-os em pedaços.

Os outros dragões não esperavam por isso; antes que eles possam se reorganizar, Thor ataca meia dúzia deles usando seu novo dragão para morder seus pescoços, pegando-os desprevenidos e mutilando um dragão após o outro. Thor parte

para cima de mais três dragões e faz com que o dragão morda suas asas, arrancando-as de seus corpos e derrubando os dragões que despencam como pedras até o mar.

De repente, Thor é surpreendido por um ataque lateral; o dragão abre sua mandíbula e enfia suas presas em Thor.

Ele dá um grito quando uma longa presa perfura suas costelas e o derruba de cima de seu dragão, fazendo com que ele caia pelo ar. Ele se vê despencando em direção ao mar, ferido, e percebe que está prestes a morrer.

Pelo canto do olho, Thor vê Mycoples mergulhando abaixo dele – e quando ele menos espera, ele aterrissa em cima das costas dela, salvo pela sua velha amiga. Os dois estão juntos novamente, ambos feridos.

Thor, respirando com dificuldade, com a mão em sua ferida, analisa os danos que eles haviam causado: uma dúzia de dragões estão mortos ou mutilados, boiando no oceano abaixo deles. Eles tinham se saído bem, apenas os dois, bem melhor do que ele havia imaginado.

Ainda assim, Thor ouve um rugido terrível e, ao olhar para cima vê que ainda restam várias dezenas de dragões. Ofegante, Thor sabe que aquela tinha sido uma luta valente, mas que suas chances que vitória eram bem pequenas. De qualquer forma, ele não hesita; ele voa destemidamente para cima, correndo para enfrentar os dragões que os desafiavam.

Mycoples grita e assopra fogo quando eles lançam chamas na direção de Thor. Thor mais uma vez usa seus poderes para lançar

uma parede de gelo ao redor deles, impedindo que as chamas dos dragões os alcancem. Ele se segura a Mycoples quando ela enfrenta o grupo, mordendo e arranhando enquanto luta por sua vida. Mycoples sofre alguns ferimentos, mas não permite que isso diminua seu ritmo, ferindo dragões em todas as direções. Thor junta-se à ela, erguendo seu bracelete e mirando de dragão em dragão; ele lança um feixe de luz branca e joga os dragões para longe de Mycoples enquanto ela luta.

Thor e Mycoples continuam lutando, ambos cobertos de feridas, sangrando e absolutamente exaustos.

Mesmo assim, ainda restam dezenas de dragões.

Ao erguer o bracelete novamente, ele sente o poder dele se esgotando – na verdade, ele sente seu próprio poder se esgotando. Thor é poderoso, ele sabe disso, mas não é poderoso o suficiente ainda; ele sabe que não seria capaz de resistir a essa luta até o fim.

Thor olha para cima vê grandes asas diante de seu rosto, seguidas de garras afiadas, e assiste impotentemente quando elas perfuram o pescoço de Mycoples. Thor segura firme quando o dragão agarra Mycoples e então fecha suas mandíbulas em sua cauda e a arremessa para longe.

Os dois são jogados pelo ar, dando cambalhotas enquanto despençam descontroladamente em direção ao oceano.

Eles caem na água e Thor continua segurando quando ambos mergulham abaixo da superfície. Thor se movimenta debaixo d'água, até que finalmente eles param de afundar. Mycoples se vira e começa a nadar para cima, na direção da luz do sol.

Ao emergirem, Thor respira fundo, lutando por ar, nadando pelas águas frias enquanto ainda se segura firme em Mycoples. Os dois flutuam na água, e ao fazerem isso, Thor olha para o lado e vê algo que ele jamais conseguiria esquecer: flutuando próximo a eles, com os olhos abertos, morto, está um dragão que ele havia aprendido a amar: Ralibar.

Mycples o vê ao mesmo temo, e assim que ela o identifica, algo toma conta dela, algo que Thor nunca tinha visto antes: ela dá um grito de tristeza e dor e ergue suas asas bem no alto, estendendo-as completamente. Todo seu corpo treme enquanto ela solta um rugido terrível, que faz tremer todo o universo. Thor vê uma transformação em seus olhos, que brilham com cores diferentes, até finalmente cintilarem em amarelo e branco.

Mycples vira, um dragão transformado, e olha para o exército de dragões que se aproxima deles. Algo dentro dela, Thor percebe, havia mudado. Seu luto havia se transformado em ódio, e havia lhe dado uma força diferente de tudo que Thor já tinha visto. Ela agora era um dragão possuído.

Mycples voa a toda velocidade, com seus ferimentos sangrando – mas sem se importar. Thor também sente uma nova descarga de energia, e uma sede de vingança. Ralibar tinha sido um amigo muito próximo, havia sacrificado sua vida por todos eles, e Thor está determinado a corrigir aquele erro.

Enquanto avançam na direção dos dragões, Thor salta das costas de Mycples para cima do focinho do dragão mais próximo, ao mesmo tempo em que abraça suas mandíbulas para impedi-

lo de abri-las. Thor invoca o poder que ainda lhe resta, e gira o dragão no ar, arremessando-o com toda a sua força. O dragão sai voando, levando mais dois dragões com ele, e os três dragões caem no oceano abaixo deles.

Mycoples vira no ar e pega Thor enquanto ele cai, e ele aterrissa em suas costas enquanto eles continuam avançando na direção dos dragões que ainda restam. Ela enfrenta cada rugido deles com seu próprio rugido, mordendo com mais força, voando mais rápido e cortando mais profundamente que eles. Quanto mais eles a machucam, menos ela parece se importar. Ela é um furacão de destruição – assim como Thor, e quando ambos terminam, Thor percebe que não resta um único dragão voando no céu para enfrentá-los: todos tinham sido derrubados dali de cima até o mar, mutilados ou simplesmente mortos.

Thor se vê voando sozinho com Mycoples, circulando os dragões mortos enquanto avalia o dano causado. Os dois respiram com dificuldade, sangrando muito. Ele sabe que Mycoples está dando seus últimos suspiros – ele vê sangue saindo pela sua boca, e percebe que ela respira com extrema dificuldade, sentindo uma dor mortal.

"Não, minha amiga," Thor diz, tentando conter suas lágrimas. "Você não pode morrer."

A minha hora chegou, Thor a houve dizer. *Pelo menos, terei morrido com dignidade.*

"Não," insiste Thor. "Você não pode morrer!"

Mycoples cospe sangue, e o bater de suas asas se torna mais

fraco e eles começam a descer em direção ao oceano.

Ainda resta uma última luta em mim, Mycoples diz. E eu quero que meus últimos momentos sejam uma demonstração de coragem.

Mycoples olha para a frente, e Thor segue a direção de seu olhar e vê a frota de Romulus se espalhando até o horizonte.

Thor assente com uma expressão séria no rosto. Ele sabe o que Mycoples quer fazer. Ela deseja encontrar sua morte em uma última batalha.

Thor, ferido gravemente, respirando com dificuldade e sentindo como se ele próprio talvez não fosse sair vivo daquele confronto, deseja morrer daquela maneira também. Ele se pergunta se as profecias de sua mãe seriam mesmo verdade. Ela havia dito que ele poderia alterar seu próprio destino. Ele teria feito isso? Thor se pergunta. Ele morreria ali, agora?

"Então vamos nessa, amiga," Thorgrin diz.

Mycoples dá um grito com raiva e, juntos, os dois mergulham em direção à frota de Romulus.

Thor sente o vento e as nuvens passando por seus cabelos e pelo seu rosto e também solta um grande grito de batalha. Mycoples ruge para se igualar à sua raiva e eles mergulham ainda mais; ela abre suas grandes mandíbulas e assopra fogo sobre a frota de Romulus.

Logo, uma parede de fogo se esparrama pelo oceano, incendiando um navio após o outro. Dezenas de milhares de navios estão diante deles, mas Mycoples não desanima, abrindo

sua mandíbula e assoprando fogo sem desistir. As chamas se espalham como se fossem uma parede contínua, e os gritos dos homens preenchem o ar.

O fogo de Mycoples começa a enfraquecer e, logo nenhum fogo sai quando ela assopra. Thor sabe que ela está morrendo diante de seus olhos. Ela voa cada vez mais baixo, fraca demais para cuspir fogo. Mas ela ainda não está fraca demais para usar seu corpo como uma arma, e em vez de assoprar fogo, ela abaixa até os níveis dos navios mirando suas escamas enrijecidas para cima deles, como um meteoro caindo do céu.

Thor se prepara para o impacto e se segura com toda a sua força enquanto ela mergulha direto para cima dos navios, e o som de madeira se partindo preenche o ar. Ela atravessa diversos navios, um depois do outro, indo e voltando enquanto destrói vários navios, Thor se segura ao mesmo tempo em que pedaços de madeira voam ao seu redor vindos de todas as direções.

Finalmente, Mycoples não consegue mais seguir em frente. Ela para no meio da frota, flutuando na água, depois de ter destruído muitos navios, mas ainda cercada por milhares deles. Thor continua montado nela enquanto ela flutua, respirando suavemente,

Os navios que ainda restam se voltam na direção deles. Logo o céu se escurece, e Thor ouve um zumbido. Ele olha para cima e vê uma chuva de flechas se aproximando deles. De repente, ele é invadido por uma dor alucinante ao ser perfurado por dezenas de flechas sem ter onde se esconder. Mycoples também é ferida

pelas flechas, e ambos começam a afundar nas ondas, dois grandes heróis que acabavam de lutar a maior batalha de suas vidas. Eles havia destruído os dragões e grande parte da frota do Império. Eles tinham feito mais do que um exército inteiro tinha sido capaz de fazer.

Mas agora não lhes restava qualquer alternativa, eles poderiam morrer. Enquanto Thor é ferido por flecha após flecha, afundando cada vez mais, ele sabe que não lhe resta mais nada a fazer a não ser se preparar para morrer.

CAPÍTULO SETE

Alistair se vê em pé sob uma passarela suspensa e, ao olhar baixo, ela vê ondas arrebatando violentamente contra grandes rochas pontiagudas, o som preenchendo os seus ouvidos. Uma forte rajada de vento a desequilibra e, ao olhar Alistair para cima, como em tantos outros sonhos em sua vida, ela vê um castelo construído em cima de um penhasco, protegido por uma enorme e brilhante porta de ouro. Diante dela está uma única figura solitária, uma silhueta, com as mãos estendidas como se para abraçá-la – embora Alistair não possa ver seu rosto.

"Minha filha," a mulher diz.

Ela tenta dar um passo na direção dela, mas suas pernas estão presas, e ela olha para baixo e percebe que ela está algemada ao chão. Por mais que ela tente, Alistair não consegue se mover.

Ela estica os braços para tentar alcançar sua mãe e chora desesperadamente: "Mamãe, salve-me!"

De repente, Alistair sente o mundo passar diante de seus olhos, sente seu corpo despencando, e vê que a passarela está desmoronando sob seus pés. Ela cai com as algemas penduradas atrás dela, e despenca em direção ao oceano levando uma seção inteira da passarela junto com ela.

Alistair se sente entorpecida quando seu corpo afunda nas águas gélidas dos oceano, ainda algemada. Ela se sente afundando, e ao olhar para cima vê a luz do sol ficando cada vez

mais distante.

Alistair abre os olhos e se vê sentada em uma pequena cela de pedra, em um lugar que ela não reconhece. Diante dela está sentada uma única figura, e ela o reconhece vagamente: O pai de Erec. O rosto dele se contorce ao olhar para ela.

"Você matou meu filho," ele diz. "Por que?"

"Eu não o matei!" ela protesta.

Ele faz uma careta;

"Você será sentenciada à morte," continua ele.

"Eu já disse que não matei Erec!" Protesta Alistair. Ela fica em pé e tenta partir para cima dele, mas mais uma vez se vê algemada, desta vez à parede.

Uma dúzia de guardas aparece atrás do pai de Erec, vestindo armaduras negras e elmos formidáveis – e o som de suas esporas preenche a cela. Eles se aproximam e agarram Alistair com violência, arrancando-a da parede. Mas seus pés ainda estão presos, e eles esticam seu corpo cada vez mais.

""Não!" Alistair ela grita, sendo praticamente partida ao meio.

Alistair acorda, coberta de suor, e olha a sua volta, tentando descobrir onde está. Ela está desorientada; ela não reconhece a cela pequena e mal iluminada onde se encontra, as antigas paredes de pedra ou as barras de metal nas janelas. Ela se vira, tentando andar, ouve um barulho familiar e olha para baixo e vê que seus calcanhares estão algemados à parede. Ela tenta se soltar, mas não consegue; as algemas de ferro estão apertadas, e cortam sua pele sensível.

Alistair olha ao seu redor e percebe que está em uma pequena cela quase no subsolo, a única luz natural vindo de uma pequena janela cortada na pedra e bloqueada pelas barras de ferro. Ela ouve aplausos e gritos distantes e, curiosa, se aproxima o máximo que pode da janela, inclinando-se para ver um pouco da luz do dia e descobrir onde está.

Alistair vê um grande grupo reunido não muito longe dali – e diante dele está Bowyer, todo pomposo e triunfante.

"Aquela Rainha feiticeira tentou assassinar seu noivo!" Bowyer grita para o grupo. "Ela me procurou com seu plano para matar Erec e se casar comigo em vez de se casar com ele. Mas seus planos fracassaram!"

Um grito indignado se ergue no meio da multidão, e Bowyer espera que eles se acalmem. Ele ergue seus braços e volta a falar.

"Vocês podem ficar calmos, e tenham certeza que eu não permitirei que as Ilhas do Sul sejam regidas por Alistair, ou qualquer outra pessoa que não eu. Agora que Erec está prestes a morrer, serei eu, Bowyer, que irei protegê-los, o segundo colocado na competição das ilhas."

Outro grito de aprovação irrompe entre a multidão, que começa a gritar:

"Rei Bowyer, Rei Bowyer!"

Alistair assiste à cena completamente horrorizada. As coisas estão acontecendo rápido demais, e ela mal consegue processar tudo aquilo. Aquele monstro, Bowyer – vê-lo simplesmente lhe enche de raiva. Aquele mesmo homem que havia tentado matar

seu amado Erec estava bem ali, diante de seus olhos, alegando ser completamente inocente, e tentando culpá-la. E pior de tudo, ele seria nomeado Rei, Não haveria justiça?

O que havia acontecido com ela não a incomoda tanto quanto a ideia de Erec estar sofrendo e morrendo aos poucos deitado em alguma cama, ainda precisando de seus cuidados. Ela sabe que se ela não completasse sua cura logo, em breve ele morreria. Ela não se importa se tivesse que ficar ali naquela masmorra para sempre por um crime que não havia cometido – ela apenas quer se certificar que Erec seja curado.

A porta de sua cela subitamente se abre, e Alistair se vira e vê um grande grupo de homens avançar para dentro dela. No centro do grupo está Dauphine, acompanhada pelo irmão de Erec – Strom, e pela mãe deles. Atrás do grupo ela vê diversos guardas reais.

Alistair se levanta para cumprimenta-los, mas suas algemas apertam seus calcanhares, causando uma dor alucinante em suas pernas.

"Está tudo bem com Erec?" Pergunta Alistair, desesperada. Por favor, digam-me a verdade. Ele está vivo?"

"Como ousa perguntar se ele ainda vive," dispara Dauphine.

Alistair olha para a mãe de Erec, torcendo para que ela tenha misericórdia.

"Por favor, apenas me diga se ele ainda está vivo," ela implora, com seu coração se partindo.

A mãe dele assente com uma expressão séria, olhando para

ela com desaprovação nos olhos.

"Ele está vivo," ela diz suavemente. "Embora esteja gravemente doente."

"Leve-me até ele!" Alistair insiste. "Por favor. Eu preciso curá-lo!"

"*Levá-la até ele?*" Dauphine repete. "Que audácia. Você não vai a qualquer lugar perto do meu irmão – na verdade, você não vai a parte alguma. Nós só viemos dar uma última olhada em você antes de sua execução."

O coração de Alistair se aperta.

"Execução?" ela pergunta. "Não existe juiz ou juri nesta ilha? Não existe um sistema de justiça?"

"*Justiça?*" Dauphina fala, dando um passo à frente, com o rosto vermelho. "*Você* ousa clamar por justiça? Nós encontramos uma espada ensanguentada em suas mãos, nosso irmão moribundo em seus braços, e você ousa falar em justiça? A justiça foi servida."

"Mas estou lhes dizendo, eu não o matei!" Insiste Alistair.

"Ah, é verdade," diz Dauphine, sua voz cheia de sarcasmo, "um homem mágico e misterioso entrou no quarto e o matou, e então desapareceu e colocou a arma em suas mãos."

"Não foi um homem misterioso," Alistair fala. "Foi Bowyer. Eu vi com meus próprios olhos. Ele matou Erec."

Dauphine faz uma careta.

"Bowyer nos mostrou o pergaminho que você escreveu para ele. Você o pedia em casamento, contando que planejava matar

Erec e se casar com ele depois disso. Você é uma mulher doente. Por acaso ter meu irmão e se tornar rainha não eram o suficiente para você?"

Dauphine entrega o pergaminho para Alistair, e o coração de Alistair se contrai enquanto ela lê as palavras:

**Assim que Erec morrer,
passaremos nossas vidas juntos**

"Mas essa não é a minha caligrafia!" Protesta Alistair. "Esse pergaminho foi falsificado!"

"Ah, claro, tenho certeza que sim," Dauphine diz. "Estou certa de que você tem uma explicação bastante conveniente para tudo isso."

"Eu não escrevi nada disso." Insiste Alistair. "Vocês estão ouvindo o que estão dizendo? Nada disso faz sentido. Por que eu mataria Erec? Eu o amo com todo o meu coração. Nós estávamos praticamente casados."

"E graças ao céus isso não aconteceu," completa Dauphine.

"Vocês têm que acreditar em mim!" Alistair continua insistindo, dirigindo-se para a mãe de Erec. "Bowyer tentou matar Erec. Ele deseja ser rei. Eu não tenho interesse em ser Rainha. Eu nunca tive."

"Não se preocupe," Dauphine declara. "Você nunca se tornará uma. Na verdade, você nem mesmo viverá. Aqui nas Ilhas do Sul, nós fazemos justiça rapidamente. Amanhã mesmo, você será

executada."

Alistair balança a cabeça, percebendo que não será possível argumentar com aquelas pessoas. Ela suspira com seu coração pesado.

"É por isso que vieram até aqui?" ela pergunta. "Para me dizer isso?"

Dauphine dá um sorriso e continua em silêncio, e Alistair pode sentir o seu ódio pela maneira como ela olha para ela.

"Não," Dauphine finalmente responde, depois de um silêncio pesado e profundo. "Foi para comunicar-lhe sua sentença, e para dar uma última olhada em seu rosto antes de enviar-lhe ao inferno. Faremos com que você sofra, da mesma forma que nosso irmão sofreu."

De repente, o rosto de Dauphine fica vermelho, e ela salta para a frente com as unhas estendidas. Tudo acontece tão rápido que Alistair não tem tempo de reagir. Dauphine dá um grito profundo ao mesmo tempo em que arranha o rosto de Alistair, puxando seus cabelos. Alistair ergue os braços tentando bloquear o golpe, e os outros se aproximam para tirar Dauphine de cima dela.

"Saíam de cima de mim!" Dauphine grita. "Quero matá-la agora!"

"A justiça será feita amanhã," Strom fala.

"Tirem-na daqui," ordena a mãe de Erec.

Guardas se aproximam e levam Dauphine da cela enquanto ela chuta e grita, protestando. Strom junta-se a eles, e logo a cela fica completamente vazia exceto por Alistair e pela mãe de

Erec. Ela para ao lado da porta e se vira lentamente, olhando para Alistair. Alistair analisa o seu rosto procurando por qualquer sinal de bondade e compaixão.

"Por favor, você tem que acreditar em mim," Alistair diz com sinceridade. "Eu não me importo o que os outros pensam a meu respeito. Mas eu me importo com você. Você foi gentil comigo desde o primeiro instante em que nos conhecemos. Você sabe o quanto eu amo o seu filho. Você sabe que eu jamais faria isso."

A mãe de Erec a examina, seus olhos se enchem de lágrimas, e ela parece vacilar.

"É por isso que você ficou para trás, não é?" Alistair pressiona. "É por isso que você continua aqui. Por que você acredita em mim. Por que você sabe que eu tenho razão."

Depois de um longo silêncio, a mãe de Erec finalmente assente. Como se ela tivesse chegado a uma decisão, ela dá alguns passos na direção dela. Alistair pode ver que a mãe de Erec realmente acredita nela, e mal pode se conter.

A mãe dele se aproxima dela e a abraça, e Alistair retribui o gesto e chora em seu ombro. A mãe de Erec também chora e, finalmente, dá um passo atrás.

"Você tem que me ouvir," Alistair diz com urgência. "Eu não me importo com que vai acontecer comigo, ou com o que pensam a meu respeito. Mas Erec – preciso ir até ele. *Agora*. Ele está morrendo. Eu o curei apenas parcialmente, e preciso terminar a cura. Se eu não fizer isso, ele vai morrer."

A mãe dele olha para Alistair, como se estivesse finalmente

percebendo que ela estava dizendo a verdade.

"Depois de tudo que aconteceu," ela fala, "você se importa apenas com meu filho. Posso ver agora que você realmente o ama de verdade – e que jamais teria feito aquilo com ele."

"Mas é claro que não," Alistair responde. "Foi tudo uma armação daquele canalha do Bowyer."

"Eu a levarei até Erec," ela diz. "Isso pode custar nossas vidas, mas se tiver que ser, morreremos tentando. Siga-me."

A mãe dele solta suas algemas, e Alistair rapidamente a segue para fora da cela, atravessando as masmorras e prestes a arriscarem suas vidas para salvar a de Erec.

CAPÍTULO OITO

Gwendolyn fica em pé na proa do navio, cercada pelo seu povo com o bebê em seus braços, deixando que a brisa acaricie o seu rosto. Todos continuam chocados enquanto navegam pelo oceano, já muito longe das Ilhas Superiores. Eles possuem apenas dois navios, tudo o que resta da vasta frota que havia partido do Anel. O povo de Gwendolyn, sua nação, todos os orgulhosos cidadãos do Anel, tinham sido reduzidos a algumas centenas de sobreviventes, uma nação de exilados, navegando sem rumo à procura de um lugar onde pudessem recomeçar. E todos estavam esperando que ela os liderasse.

Gwen observa o mar, examinando o oceano como já vinha fazendo há horas, imune ao frio enquanto encara o nevoeiro ao mesmo tempo em que se esforça para impedir que seu coração se parta. O bebê em seus braços havia finalmente adormecido, e Gwen não consegue parar de pensar em Guwayne. Ela sente raiva de si mesma; ela tinha sido estúpida por ter deixado que o pequeno barco com seu filho fosse levado pelo mar. Naquela hora, aquilo tinha lhe parecido um bom plano, a melhor forma de salvar seu filho da morte iminente. Quem poderia ter previsto o rumo dos acontecimentos, ou que os dragões poderiam ter sido desviados da ilha? Se Thor não tivesse aparecido naquele exato momento, certamente todos eles estariam mortos agora – e Gwen não tinha como prever isso.

Gwen havia conseguido, ao menos, salvar algumas pessoas de seu povo, alguns de seus navios, esse bebê, e eles haviam conseguido, pelo menos, escapar daquela ilha mortífera. Mesmo assim, Gwen ainda se arrepia toda vez que ouve o rugido de um dragão cortando o ar, cada vez mais distante à medida que eles se afastam. Ela fecha os olhos e estremece; ela sabe que uma batalha épica está sendo travada, e que Thor está no centro dela. Mais do que qualquer outra coisa, ela gostaria de estar lá, ao lado dele. Mas ao mesmo tempo, ela sabe que seria inútil. Ela não teria utilidade alguma contra os dragões, e apenas colocaria seu povo em risco enquanto Thor luta contra aqueles monstros.

A imagem do rosto de Thor aparece na mente de Gwen, apenas para desaparecer em seguida, sem lhe dar a chance de falar com ele, para lhe dizer o quanto ela sente a sua falta ou o quanto ela o ama, e isso parte o coração dela.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.